

CEDI - P. I. B.  
DATA 05, 08, 86  
COD. GR001

MINISTÉRIO DO INTERIOR - SUDECO  
FUNDAÇÃO INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS - FIPE

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DOS  
GAVIÃO (DIGÚT) - P.I.LOURDES

Mauro de Mello Leonel Junior

Novembro  
1983



ÍNDICE

	Pág.
I. MEDIDAS URGENTES .....	079
II. PASSIVO DE DESAVENÇAS .....	080
III. URUBU OU "PULSOS VERMELHOS" .....	081
IV. PRIMEIROS CONTATOS .....	082
V. A VISITA DOS ALIADOS ZORÓ .....	082
VI. POPULAÇÃO GAVIÃO .....	083
VII. ESPALHADOS, POR NÚCLEOS DE PARENTESCO .....	085
VIII. SAÚDE .....	085
IX. SAÚDE EM 1983 .....	086
X. DENTISTA .....	087
XI. DOENÇAS .....	087
XII. ATENDIMENTO EM JI-PARANÁ .....	088
XIII. ENFERMARIA .....	089
XIV. CHOQUE CULTURAL .....	089
XV. NEW TRIBES .....	090
XVI. O REENCONTRO .....	091

	Pág.
XVII. ECONOMIA TRADICIONAL GAVIÃO .....	093
XVIII. A SUPER-SAFRA .....	094
XIX. "FESTAS DE TRABALHO" .....	096
XX. SERINGA .....	097
XXI. ARTESANATO .....	098
XXII. EDUCAÇÃO .....	099
XXIII. PROMOVER A COMUNIDADE .....	100
XXIV. LOCALIZAÇÃO E DEMARCAÇÃO .....	101
XXV. DEFESA DA ÁREA .....	102
XXVI. ACESSO .....	104
XXVII. FUNCIONÁRIOS .....	104
XXVIII. MÁQUINAS .....	105
XXIX. ADMINISTRAÇÃO .....	105
XXX. SUGESTÕES .....	106

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA GA  
VIAO (DIGÛT), DA PARTE NORTE DO POSTO INDÍGENA DO LOURDES  
(PIL)

I. MEDIDAS URGENTES

Um rápido sobrevoo na cabeceira do Rio Prainha, em ou  
tubro, permitiu identificar a grave extensão das invasões no  
Posto Indígena do Lourdes (PIL). A Fundação Nacional do Índio  
(FUNAI) organizou em novembro uma equipe que contou, na ponta  
sudeste do Prainha, cerca de 350 invasores, instalados no inte  
rior do território indígena. A coordenação do Instituto Nacio-  
nal de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) em Rondônia infor  
mou que técnicos deste órgão advertiram por várias vezes os  
invasores, sem sucesso.

As duas comunidades estão empenhadas na defesa dos li  
mites demarcados por Decreto da Presidência da República. Ape-  
nas a ação enérgica, urgente e coordenada dos órgãos governa  
mentais envolvidos, com o apoio da Polícia Federal, poderá evi  
tar que as ocupações ilegais degenerem em conflitos a exemplo  
dos Suruí. Várias advertências foram feitas, também sem resul-  
tados, por funcionários da FUNAI.

Conjuntamente com a retirada dos invasores é necessá-  
rio reabrir a picada de demarcação, plantar árvores identificá  
veis ao longo de seu trajeto e colocar placas impedindo a en  
trada aos não autorizados. A abertura de uma estrada, justifi-  
cada neste relatório, permitirá uma maior vigilância da FUNAI  
e das comunidades na ponta sudeste, a mais vulnerável do PIL.

RELATÓRIO DE AVALIAÇÃO DA SITUAÇÃO DA COMUNIDADE INDÍGENA GAVIÃO (DIGÜT), DA PARTE NORTE DO POSTO INDÍGENA DO LOURDES (PIL)\*

Duas comunidades indígenas dividem o mesmo território (PIL): os Gavião (Digüt) e os Arara (Karo). Em setembro de 1983 somavam 312 pessoas. Os Gavião ocupam a parte norte, com 220 habitantes, onde convivem 32 remanescentes de seus aliados Zoró. A aldeia principal está situada nas margens do Igarapé Lourdes, afluente do Rio Machado ou J1-Paraná. Os 220 moradores distribuem-se em 18 sub-aldeias ou "colocações". Os Arara (92) ocupam a parte sul do PIL. (Ver Relatório Arara)

## II. PASSIVO DE DESAVENÇAS

A relação entre os dois grupos é hoje em dia pacífica, mas não se fez sem conflitos. O varadouro, cinco a sete horas de marcha ligando as aldeias principais, das duas comunidades, foi engolido pela mata por falta de uso. Parece difícil que a animosidade possa elevar-se a um afrontamento, inclusive por estarem comprometidos em alianças através de casamentos inter-tribais. Em 1982 um boato, seguido de uma promessa de casamento não cumprida, quase pôe a perder as boas relações. Bastou o bom senso de uma enfermeira para acalmar os ânimos.

Os Gavião são do tronco Tupi, da família Mondé, aparentados linguisticamente aos Cinta Larga e aos Zoró. Habitavam tradicionalmente as margens do Rio Branco, ao norte dos

---

(\*) Este relatório baseia-se em observações feitas na área em setembro de 1983. Apoiar-se no artigo de Harald Schultz publicado em 1955 no Journal de la Societé des Américanistes de Paris, tomo XLIV, pág.81-97. Apoiar-se também nos relatórios, ainda não publicados, mas excelentes, do linguísta norte-americano Denny A. Moore, que pesquisou no PIL em 1977. E, sobretudo, no estudo feito pelos antropólogos noruegueses Lars Lövdold e Elisabeth Forseth, que permaneceram no PIL durante quase dois anos, até outubro de 1981. Estes pesquisadores enviaram um resumo de suas observações, especialmente elaborado para completar este relatório.

Zoró. Vieram para a Serra da Providência e o Igarapé Lourdes por volta dos anos 40, hostilizados por fazendeiros e pelos Cinta-Larga. Os Zoró, tradicionais aliados, acompanharam os Gavião, mas em 43 desentenderam-se, regressando ao Rio Branco.

Entre Gavião e Arara alternam-se períodos de bom entendimento, com alianças consolidadas através de casamentos, seguidos de períodos de desavenças. Os Gavião, apesar de nos anos 40 serem inferiores em número aos Arara, os atacaram várias vezes. A última grande investida deu-se em 1959, quando os Gavião cercaram as quatro aldeias dos Arara e Urubu, matando sete pessoas e levando algumas mulheres.

### III. URUBU OU "PULSOS VERMELHOS"

Há na região remanescentes de um grupo da família linguística dos Arara (tronco Tupi, família Ramarama). Trata-se dos Urubu, pelo menos assim chamados pelos seus rivais. Talvez sejam os mesmos que Schultz identificou em 1955 como Uruku. Eram mais de cem, dizem os Gavião. Foram durante décadas dizimados pelos Gavião, pelos próprios parentes Arara e pelos fazendeiros. Hoje encontram-se dispersos pelos seringais da margem oposta do Rio Machado, limite natural oeste do PIL.

Não mantem contato com a Fundação Nacional do Índio - (FUNAI). Estão fora da região demarcada, servindo de peão e seringalista aos brancos. Um chefe Urubu, residente no Seringal Santa Maria, pediu ao chefe Gavião, Sebirop, ingresso na área do PIL. Há também referências a este grupo no repertório do livro "Índios", organizado por José M. Gama Malcher e publicado em 1962, citando um relatório de Lahyr Monteiro ao Conselho Nacional de Proteção ao Índio (CNPI). O linguísta Moore revela que são também denominados "Pulsos Vermelhos", ou (Bebe Kâap Vóôvêéc).

#### IV. PRIMEIROS CONTATOS

Já na década de 40 os Arara e Urubu mantinham encontros intermitentes com seringueiros e colonos estabelecidos na região. Os Gavião fizeram seus primeiros contatos através destes grupos. Dois índios, um Gavião e outro Arara, em 1953, chegaram a viver dois ou três anos com o seringalista José Bezerra de Barros, de quem herdaram o sobrenome. Desde 47 as duas tribos mantinham contatos ocasionais com Barros e seus empregados. O seringalista passou a utilizá-los na extração da seringa. Remunerava-os em espécie, roupas e mantimentos, através de um seu preposto, estabelecido às margens do Igarapé Lourdes.

O contato regular veio por volta de 1966, através da missão protestante New Tribes e do extinto Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

#### V. A VISITA DOS ALIADOS ZORÓ

Em 1977 os Zoró deixaram presentes na mata a seus velhos amigos Gavião. Mas, rompidos desde 46, não ousaram aproximar-se. No ano seguinte, já em contato com a FUNAI, o grosso dos Zoró refugia-se no Lourdes. Temiam os Suruí, tradicionais inimigos dos dois grupos, que os haviam atacado. Estavam também descontentes com os funcionários responsáveis pela "atração", posteriormente substituídos, permitindo a volta dos Zoró para o Rio Branco, em duas levadas, uma em maio de 80 ou tra no início de 81.

Os Gavião receberam os Zoró com cordialidade. Trocaram vários casamentos, banquetes e festas conjuntas. Encontravam-se na altura em disponibilidade de víveres, com boa roça, coleta e caça. Em 1979 os Zoró são dizimados por epidemias de hepatite, malária e coqueluche. Os Gavião resistem melhor. A situação agravou-se pela escassez que se seguiu a abundância, terminando com o regresso dos Zoró. Deixaram atrás de si,

entre os Gavião, algumas famílias, mulheres e homens comprometidos em casamentos inter-tribais. A recíproca é também verdadeira. Os dois grupos trocam visitas temporárias, algumas tornam-se definitivas, devido ao intercâmbio de casamentos.

## VI. POPULAÇÃO GAVIÃO

É impossível levantar com rigor os dados populacionais Gavião, dada a ausência de números precisos e a inexistência de registros. Sebirop, um dos chefes Gavião, encontrou-se com um índio, também Gavião, que lhe contou, na Casa do Índio de Porto Velho, que há um outro grupo com grande afinidade cultural vivendo em uma outra área demarcada e administrada pela FUNAI, talvez no Posto Indígena do Rio Branco.

Habitantes antigos da região confirmam que os Gavião eram mais numerosos e foram dizimados por doenças nas décadas de 30 a 50. Os índios mais idosos dizem que, antes do contato, os Gavião eram 600 e os Arara 800. Em 1941 os Gavião seriam cerca de 250 e os Arara 350. Em 1966, quando da chegada dos missionários e do SPI, estariam reduzidos a 100 Gavião e 50 Arara. Com o atendimento médico, precário mas contínuo, oferecido pelos missionários e o SPI, recomeçaram a aumentar.

Em 1977, Moore registrou 8 nascimentos e recenseou 143 Gavião, incluindo os agregados por casamentos inter-tribais. No início de 1980 um dos missionários refere-se a 142 Gavião. De outubro de 1980 a outubro de 1981, Lövold e Forseth contaram 11 nascimentos. Recensearam 172 Gavião, constatando que 53% da população tinha menos de 15 anos, em outubro de 1981. Em janeiro de 1981 um missionário contou 146 Gavião e 152 Zoró.

A FUNAI não mantém, nem no PIL, nem na 8a. Delegacia Regional que o administra, um livro de registro de nascimentos e óbitos, nem muito menos uma estatística ou controle permanente da população. Os nascimentos são apenas anunciados em mensa



gens radiofônicas, arquivadas por data de recebimento junto a outros temas. Nos projetos agrícolas há totais de habitantes do PIL: 446 em 1980 e 451 em 1982. Estes números não distinguem as diversas comunidades culturais.

Com o auxílio de dois chefes, e do auxiliar de ensino, foi elaborado um levantamento em setembro. Seriam atualmente 185. Teria havido cinco nascimentos e um óbito em 1983, segundo relatos imprecisos, oferecidos pela boa-vontade de um funcionário da FUNAI.

Os habitantes da parte norte do P.I.Lourdes:

IDADE	HOMENS	MULHERES	TOTAL
0-5	27	28	55
6-10	15	10	25
11-15	13	14	27
16-20	10	16	26
21-25	16	9	25
26-30	8	9	17
31-35	2	7	9
36-40	8	1	9
41-45	6	4	10
46-50	4	5	9
51-55	2	-	2
56-60	2	-	2
61 ou +	3	1	4
<b>TOTAL</b>	<b>116</b>	<b>104</b>	<b>220</b>

Nota: Este total (220) inclui 185 Gavião, duas mulheres Parintintin, uma menina Suruí e 32 Zoró. Entre os 185, considerados Gavião pela comunidade há mulheres de origem Arara, Zoró e Urubu. Há ainda um branco (50 anos) e três funcionários da FUNAI (224 pessoas).

- Estimativas: 1930 - cerca de 600;
- 1941 - cerca de 250;
- 1966 - cerca de 100;
- 1970 - cerca de 142;
- 1981 - cerca de 172;
- 1983 - cerca de 185.

## VII. ESPALHADOS, POR NÚCLEOS DE PARENTESCO

Dos 220 moradores da parte norte do PIL, apenas 37 mantêm residência permanente na aldeia central. São as famílias dos índios assalariados pela FUNAI, Zorô recém-regressados e chefes de família com doenças crônicas. A aldeia central os reunifica em festas tradicionais ou nas "Festas de Trabalho". É ocasionalmente procurada por necessidades de abastecimento, escoamento de produtos, doenças e visitas a parentes.

A grande maioria vive a maior parte do tempo na mata, em cerca de 18 aldeias. Quatro delas são tradicionais, já existiam nos anos 60: Cachoeira, hoje com 14 moradores, a 40 minutos de caminhada da aldeia central; Chapiã, 10 pessoas, 40 minutos; Chipicã, 7 pessoas, 5 horas e meia; Chepoiê, 7 pessoas, 35 minutos.

As outras doze são aldeias recentes, ligadas as "estradas de seringa", onde residem núcleos de parentesco, mesmo quando mantêm casas na aldeia central. Algumas são antigas aldeias revididas: Ālāmah, 12 pessoas, Do Caneco, 3; Gála, 8; Chibôtīgi, 8; Pinhum, 8; Dzatzen, 10; Passaviva, 7; Perdido ou Córój, 24; Zébzoráb e Chehú, 8; Vazaséb, 4 e Providência, 7.

## VIII. SAÚDE

Os Gavião, como a maioria das comunidades indígenas, foram dizimados pelo contágio de doenças em seus primeiros contatos com os imigrantes. A fase mais dramática parece ter sido os anos 30. Há referências a uma epidemia de gripe em 1950. Nestas décadas foram reduzidos a menos da metade. A chegada dos missionários e do SPI foi lentamente melhorando o atendimento as doenças "civilizadas". Um dos missionários é descrito por Moore como um enfermeiro particularmente competente.

No ano de 1977 a Equipe Volante de Saúde (EVS) da FUNAI visitou os Gavião três vezes. Eram, e ainda são, visitas não programadas, e os que se encontram na mata perdem com frequência a oportunidade de recorrer ao médico ou a seus auxiliares. Moore relata que, já nesta época, muitos foram vacinados, pelo menos com a Sabin, BCG e a tríplice, embora faltassem medicamentos. A malária atingia 1 a 3 pessoas por semana. Lövvold e Forseth contam que de fevereiro de 80 a outubro de 81, houve apenas um óbito, gêmeo, geralmente mal visto pela tribo Zoró, por razões culturais. O Jornal de Brasília, em outubro de 1978, faz referência a um surto de malária.

Em 1979, quando surtos de hepatite, pneumonia, tuberculose e coqueluche dizimavam os Zoró, os Gavião, há décadas resistindo, suportaram melhor. Apesar dos pequenos avanços em matéria de prevenção, a situação atual de saúde está longe de proporcionar o desenvolvimento harmonioso desejável aos Gavião.

Com a saída dos missionários o atendimento cotidiano ficou entregue aos atendentes de enfermagem da FUNAI. Em 1977 a atendente tinha pedido demissão. Esta situação é a regra. Os atendentes são geralmente desiguais, e, por razões administrativas diversas, praticam uma altíssima rotatividade de locais de trabalho, quebrando a regularidade exigida por uma intervenção de natureza médica.

#### IX: SAÚDE EM 1983

A FUNAI tem respondido com relativa rapidez aos chamados de emergência. Em 12 oportunidades, de janeiro a setembro, os doentes considerados mais preocupantes foram removidos por via aérea a Porto Velho. Mas estes grandes meios não parecem ser os únicos a possibilitar uma condição de saúde satisfatória no PIL.

No mesmo período, a Equipe Volante de Saúde (EVS) fez duas visitas ao PIL. Na de junho atendeu 18 consultas médicas nos Gavião e 9 nos Arara. Aplicou 214 vacinas, sendo 66 Sabin, 66 Tríplice e 82 contra sarampo. Mas a falta de um controle sistemático é flagrante. Os doentes não dispõem no PIL de uma ficha pessoal permitindo o atendimento contínuo e aliviando as ausências frequentes dos atendentes. Em Porto Velho há um controle, restrito aos casos extremos. Há exemplos de descontinuidade no tratamento, como os casos de uma menina com doença de pele, um de raquitismo e um de epilepsia.

#### X. DENTISTA

O relatório da EVS refere-se a uma visita em junho, única no período, em que se deslocou ao Lourdes um profissional dentista. Nos Gavião foram realizadas 81 exodontias, ou seja, extrações. Pode-se concluir que nove das 81 extrações foram feitas em pessoas que perderam, na mesma consulta, mais de um dente. A FUNAI não dispõe de aparelhos para outro tipo de atendimento, nem transportável, nem mesmo fixo na Casa do Índio em Porto Velho, nem via convênio.

O atendimento dentário limita-se a arrancar dentes. É a mesma situação dos anos 60. Apenas piorou: na altura, segundo Moore, havia um missionário que sabia extrair. Hoje há uma visita anual para extrações.

#### XI. DOENÇAS

O sarampo deixou de ser o drama destes índios. Mas há ainda alguns casos de tuberculose e pneumonia. Não há controle permanente da tuberculose. A EVS constatou um caso em junho. Há um caso de má-formação genética, com tratamento em curso. A malária diminuiu, e a borrifação com inseticidas pela SUCAM tornou-se mais regular, passando a semestral. De mar

ço a outubro houve apenas um caso. Nos três primeiros meses deste ano houve três casos. Espera-se um recrudescimento com as chuvas de novembro. Há remédios no PIL, mas as lâminas apenas podem ser examinadas em Porto Velho, por via aérea, o que obriga a uma medicação de risco.

Houve casos de hepatite, mas também não se sabe quantos, uma vez que os atendentes não são orientados a manterem fichas individuais nos postos. Fala-se em uma média de três picadas de cobra por ano. As doenças mais frequentes são as verminoses e amebas. A incidência aumenta no final da seca, atingindo quase todas as crianças, em todas as aldeias, como em setembro de 1983. Na altura as crianças atingidas ficaram entregues à boa-vontade de um dos chefes indígenas e dos funcionários da FUNAI, que, como sempre na ausência dos atendentes e por não disporem de formação para-médica, arriscam um tratamento improvisado, de resultado duvidoso. As doenças venéreas não parecem um problema resolvido. Lövdold e Forseth levantaram a questão em 1981, até hoje sem solução. Houve um óbito em 83, não diagnosticado, fala-se em enterite.

## XII. ATENDIMENTO EM JI-PARANÁ

Por iniciativa própria a comunidade vem encaminhando doentes ao Hospital de Base de J1-Paraná, sem um convênio formal. Este ano foram cinco casos: 1 de tuberculose, dois de pneumonia, 1 de hepatite e 1 por deformação genética. Esta solução é precária, o transporte fluvial a J1-Paraná é impossível nos seis meses da seca. A permanência na cidade é feita na Casa do Índio e as consultas acompanhadas benevolmente pela esposa do chefe do PIL. O Hospital é gratuito e os índios estão satisfeitos com o atendimento. Um dos chefes fez amizade com alguns médicos na cidade.

## XIII. ENFERMARIA

A enfermaria é equipada com uma farmácia, semelhante à dos outros postos. A medicação é apropriada, segundo os índios e funcionários. Há três leitos, pouco utilizados, uma vez que os casos graves são removidos. Manterem-se ali os doentes, em observação, regime ou tratamento, não parece ser uma prática corrente.

O atendimento é irregular. A comunidade ressen-te-se da contínua rotação do pessoal. Uma excelente foi transferida, outra é criticada por manifestar má-vontade e por não os receber, mesmo em emergências ou febre, fora dos curtos dois horários pré-estabelecidos, quando são rapidamente despachados. O pessoal é removido, ou sai de férias, e não há continuidade nos tratamentos. Há sempre um prolongado período de vacância entre as substituições.

## XIV. CHOQUE CULTURAL

A primeira surpresa vem no contato ocasional com seringalistas e pioneiros. Um dos chefes mais idosos e influentes, hoje transformado em pastor protestante, conta como os imigrantes os ensinaram a envergonhar-se da nudez. "Adotado" como filho por um seringalista, recebeu um sobrenome. Recrutou outros para a seringa e diminuíram a caça, remunerados em espécie. Serviu de intérprete ao preposto do pai-patrão para "amansar" ou "civilizar" os demais, ou seja, temperá-los em obedientes seringueiros, conhecedores da mata, em troca de produtos industrializados. Abandonaram os adornos tradicionais, como os tembetás nos lábios inferiores perfurados, as tatuagens no rosto, a pena no nariz, o arco e a flecha. Abandonaram as amplas malocas, chefiadas pelos Zavijac, onde viviam de 40 a 70 parentes, a uma hora de distância umas das outras. Passaram a casas de famílias nucleares, frequentemente mais rústicas que as malocas, imitando os colonos.

Assim os encontrou o SPI em 1966. Um chefe de posto proibiu a pesca, com o cipô (timbô) que tonteia os peixes nos Igarapé vazios da seca, por imaginar que aumentava a malária. Um outro proibiu as festas, salvo a do milho verde, por imaginar que aumentavam as doenças e diminuía a produção.

#### XV. NEW TRIBES

O grande choque foi a New Tribes, cuja sucursal brasileira leva o nome de Novas Tribos do Brasil, ligados em Ji-Paraná à Igreja Batista. Seis missionários de várias nacionalidades revezaram-se durante 17 anos entre os Gavião. Estes foram rapidamente seduzidos. Traziam remédios contra as doenças desconhecidas pelo Pajé, ensinavam a ler em Gavião e vendiam produtos industrializados, dispunham de um avião e de um excelente rádio.

Viraram em pouco tempo a "nova tribo" modelo. Em 1975 estavam todos batizados e catequizados. Até o Pajé ia ao culto dominical, na igreja construída a 40 minutos da aldeia principal. Antes uma comunidade com cultura própria, amaneciam e dormiam ameaçados pelo "pecado". As novas proibições referiam-se ao mais simples de seus gestos cotidianos, ou até ao mais profundo de seu modo de ser. Aprendiam a ler seu idioma em trechos bíblicos e hinos sacros.

Em 1976 já estavam divididos em dois grupos hostis. A poligamia tornou-se um crime, como o namoro. A mandioca fermentada e mastigada, (chicha), servida nas festas ao som da boca virou devassidão. O velho pajé, antes respeitado, era tido como vítima de Satañás. Sua entrada chegou a ser proibida na nova igreja, por insistir em espantar os maus espíritos ou curar doenças com as centenas de ervas que conhece, experimentadas há séculos. Os novos chefes eram promovidos a pastores. Os objetos que traziam tornaram-se novas necessidades.

No Dia do Índio, a festa comemorativa foi proibida pelos missionários. Com o apoio do Pajé, um jovem chefe, genro e filho de chefes, revoltou-se, e, acompanhado pela maioria da tribo, festejaram até altas horas. E as festas voltaram, mesmo criticadas nos sermões dominicais. Em 1977, apenas 25% da comunidade continuava a frequentar regularmente o culto, 45% ia às vezes observar sem compromisso e 30% era absolutamente hostil aos missionários.

#### XVI. O REENCONTRO

O descontento foi crescendo e os índios começaram a pedir a saída dos missionários. Lamentavam perder enfermeiros, as trocas e outros favores. Em 1980 conseguem o apoio do então Delegado da 8a. Delegacia Regional da FUNAI, Apoena Meirelles. Ao final de 1981 são convidados a retirar-se das comunidades todos os missionários sem convênios formais com a FUNAI. Recusam-se. Foram retirados com intervenção policial. Em janeiro e outubro de 1982 tentam voltar, argumentando com as dezenas de outras tribos onde prestam serviços de alfabetização e enfermagem. Consultados, 95% dos índios pronunciavam-se contrários ao regresso dos missionários. Hoje apenas 4 famílias, liderados por um dos chefes, continuam "crentes".

O momento alto do reencontro dos Gavião com sua própria cultura, durante 17 anos combatida, foi a mágica iniciação de um Pajé, em 1981. Alamáh, rebatizado João pelos missionários que o converteram ao protestantismo, foge da Casa do Índio de Porto Velho. Doente em tratamento, dado por morto, reaparece quatro meses depois no PIL. Durante oito dias a comunidade ouve os relatos de sua iniciação. O regresso de Alamáh é hoje comemorado, em 9 de outubro, com uma das grandes festas das antes proibidas pelos missionários. Já não são mais as festas com jacarés vivos, ao som dos "arcos de boca", anteriores ao contato com os imigrantes. Mas, tanto festas rituais com o



Pajê, ou as tradicionais acompanhadas com tabocas, como "festas de trabalho" comunitário, mostram ainda a força de uma cultura centenária. Cultura que se pretendeu aniquilar, em nome de uma "liberdade religiosa" unilateral e desrespeitosa da cultura alheia.

O interesse e a admiração suscitadas pelos missionários vinha da função de intermediários da comunidade, que exerceram. Das pilhas, roupas e velas que traziam. Muitos su punham as interdições, disseminadas pelos missionários, como generalizadas entre os Jalâac, como chamavam os imigrantes. Atrás do sucesso da conversão dos Gavião, esconde-se a omissão do antigo SPI. O estado laico foi substituído pelos mis sionários na educação, saúde e transporte. E o protestantismo foi a única das milhares de religiões do planeta com liberdade de culto entre os Gavião.

Lövold e Forseth mostraram que a grande mortandade do início dos contatos dizimou os "portadores de cultura". Os contatos permanentes também não contribuíram para a afirmação cultural dos Gavião. Os funcionários do SPI e da FUNAI, diante da pequena dificuldade que teriam em chamar o Pajê Chipose gôv, por seu nome, apelidaram-no de "Chico-Chegou". Córój, vi rou "Coruja", e assim por diante. Os missionários preferiam rebatizá-los com nomes de santos e apóstolos do cristianismo, como João, José e Tiago.

Hoje o renascimento das tradições é evidente. Com a iniciação mágica de Alamãh, que fora um dos mais convictos convertidos ao protestantismo, os Gavião têm dois Pajês e seis iniciados. A sedução pela religião de empréstimo terminou. Des cobriram que poderiam contar com os serviços prestados pelos missionários sem o sacrifício de seu modo de ser, simplesmente reivindicando-os como obrigações constitucionais do estado laico. Mesmo a medicina tradicional da pajelança foi retomada, como complementar a medicina dos imigrantes, considerada eficiente para as doenças que desconheciam.

## XVII. ECONOMIA TRADICIONAL GAVIÃO

Os Gavião plantam tradicionalmente macaxeira, milho, cará, batata, feijão, bananas e pimenta. Assim os encontrou Schultz em 1955. Nesta época muitos trabalhavam para os seringalistas, remunerados em espécie. Além da agricultura dispunham de caça abundante, pássaros, como o mutum, arara, jacamim, nambú e animais, como o macaco, caititú, queixada, veado, anta, paca, capivara, porco de mato, quantú, tatú e outros. Nos períodos de seca recorriam a pesca com arco e flecha. Usavam um cipó que tonteia os peixes nos igarapés quase vazios. Colhiam frutas da mata, como o mamão, e mel silvestre. Enfim, como outros grupos da região, viviam da agricultura, caça, pesca e coleta.

Praticavam a extração do latex irregularmente, por não dominarem as técnicas dos seringueiros e suspeitarem da baixa remuneração dos seringalistas. Com o fascínio das novas necessidades criadas pelo contato, veio a vontade de obter dinheiro. Em 1977 um Gavião, segundo Moore espontaneamente, promoveu a coleta organizada de castanha para venda no mercado da antiga Vila de Rondônia, hoje J1-Paraná. Pediam latas à FUNAI, não as receberam. Terminaram por desistir: a castanha dava menos que a seringa e as perdas de transporte chegavam a 30%, devido as cachoeiras e árvores caídas.

Os missionários trouxeram sementes de melancia e pipoca. Moore estimulou a soja e o feijão. Queimam e limpam a roça em setembro, plantam com as primeiras chuvas de outubro e novembro, colhem em abril e maio. De maio a outubro, na seca, voltam a seringa, caça e pesca. As seringueiras minguam no mais alto da seca, quando desmatam e queimam.

A organização tradicional das roças é sugerida pelo parentesco. No passado, cada "casa grande", malocas em torno de 45 a 70 pessoas, mantinham roças separadas. Nos anos 40 existiam cinco delas, a uma hora e meia de distância média umas das outras.

Mais tarde vieram os missionários. São criticados por não os terem ajudado a ganhar dinheiro, ao mesmo tempo em que introduziam novos hábitos de consumo, trocando bens industrializados por trabalho.

#### XVIII. A SUPER SAFRA

A FUNAI, em 1980 e 81 os estimulou a um outro extremo, o de imensas roças compulsoriamente coletivas, desorganizadoras da sua sociabilidade tradicional. A administração do posto introduziu na altura um regime de trabalho de seis dias por semana, remunerados em comida e promessas de desfrutarem da imensa safra. A roça chegou a 1 km<sup>2</sup> (100 ha) de área cultivada. O trabalho prolongou-se por quase doze meses consecutivos.

O local da roça, e a organização da produção, tornaram-se imposições do órgão de tutela e apoio. A dimensão da roça, segundo observaram Lóvold e Forseth, terminou por misturar terras boas e ruins. A proximidade da aldeia principal desprotegeu-a do sol e da chuva, com a imensa clareira aberta na mata. De uma vida tribal rica em improviso, imaginação e tradições, os Gavião foram transformados, num golpe, em peões de uma plantação típica de fazenda estatal absolutamente desproporcional as necessidades e a capacidade de produção e venda. A sedução foi possível através do desejo, já desperto, de acesso as mercadorias da cidade, além da alimentação aos que trabalhavam.

A prática de remunerar em alimentos foi justificada como provisória e destinada a ensiná-los a plantar. Na verdade tornou uma comunidade capaz de auto-sobrevivência dependente de alimentação industrializada e externa. A falta de tempo tirou-os do aproveitamento tradicional da natureza privilegiada que os cerca, e da forma milenar de lá sobreviver.- A pr

meira grande roça de 80 fracassou. A comunidade beirou a re volta por não ver de perto os prometidos frutos de tanto em penho, de meses de derrubada, plantio e colheita.

Foram 25 hectares de arroz, 25 de macaxeira, 13 de milho, 10 de mandioca, 10 de batata doce, 10 de cará e 10 de feijão. Nos mesmos dois anos plantou-se 4 mil pés de café, e outro tanto de bananeiras. A tendência a privilegiar alguns produtos sobre outros permitiu que, em contrapartida, encon tre-se em volta da aldeia principal apenas 1 abacateiro, 5 mangueiras e alguns pés de limão.

A grande safra terminou por funcionar como um tiro pela culatra. Não só indispôs os índios com a administração do posto, como terminou por frustrar-lhes a ambição de inte grar a economia monetária de forma organizada e coletiva. A administração tentou, mas não obteve, uma cantina reembolsável que permitisse o acesso permanente aos produtos industria lizados dando satisfação parcial à ansiedade de consumir. A cantina funcionaria por um sistema de vales, estilo "barracão", entregues na seca contra produtos, e resgatáveis pela adminis tração nas chuvas, quando a produção chegasse à cidade e os índios fossem remunerados.

Das 700 sacas de arroz produzidas na super-safra, na segunda tentativa que deu certo em 81, 340 foram vendidas. A dificuldade de transporte, nas chuvas devido as cachoeiras, na seca devido ao esvaziamento dos igarapês, terminou por impedir o escoamento na ocasião apropriada. As sacas foram vendidas em grande parte já envelhecidas, por um preço de 1/3 inferior ao do mercado. O café não teve melhor sorte. Quase não frutificou por estar contaminado por pragas e necessitar de cuidados técnicos especializados. O engenheiro agrônomo, contratado pelo POLONOROESTE, não pôde resolver a questão. Dedicou ao PIL, no ano de 83, apenas 1 hora, aproveitando-se de uma escala eventual do avião da FUNAI.

## XIX. "FESTAS DE TRABALHO"

O grande mérito da experiência da super-safra foi devolver à comunidade Gavião a iniciativa, a segurança na forma tradicional de satisfazer suas necessidades alimentares. A comunidade recuperou sua auto-confiança. Promovem ainda trabalhos coletivos, mas os das "festas de trabalho" de suas tradições. São hoje auto-organizados, com pouco apoio, mas sem ingerência externa, obedecendo como antes, às sugestões do parentesco.

Os inconvenientes da super-safra foram inúmeros. Durante mais de um ano os homens válidos, ocupados a roçar e alí alimentados, por falta de tempo, descuidaram da caça e pesca a seus familiares. Enquanto uns eram super-alimentados, os demais, mulheres, crianças, idosos e enfermos, foram reduzidos a raízes, como nos períodos de grande escassez. São alimentos considerados menos nobres por quem conta com uma natureza abundante. Mesmo para os que trabalharam, o hábito de comer enlatados não compensa a perda em valores nutritivos. A tendência a monocultura desequilibrou a dieta tradicional, tornando-os demasiado dependentes da economia monetária que os cerca. É levá-los a percorrer em meses a transformação que custou aos "civilizados" milênios, ela mesma, em muitos aspectos, discutível. Agravada pela "conversão" a uma religião alí caricaturizada em sua forma fanática e repressiva, o resultado não poderia ser o "aculturamento" que se pretendeu, mas a opressão de uma cultura, a desmoralização de uma comunidade, sem novos valores que a pudessem ter minimamente compensado.

Hoje reencontram sua forma lúdica de confraternizar, o lazer, o dom da pajelança, o som da taboca, a arte do namoro, e o seu modo poligâmico de viver. Redescobriram a vantagem de um peixe moqueado, ou de um mutum cozinhado, sobre as salsichas enlatadas.

## XX. SERINGA

Quanto à satisfação das necessidades monetárias, preferem hoje a extração da seringa. Um seringueiro, vivendo com eles, ensinou-lhes técnicas mais eficientes. Consideram esta atividade rentável, com a vantagem de não colidir com o seu tempo muito próprio, com a caça e a pesca. Espalharam-se novamente pela mata, reviveram as aldeias tradicionais e criaram novas "colocações". Reagruparam-se por parentesco e não mais por futuras contas bancárias.

As grandes roças de 1980/81, a primeira fracassada, custaram a administração Cr\$ 1,6 milhão, em machados, facão, enxadas e alimentação. Quando a primeira roça fracassou, Zoró e Gavião foram alimentados pelos que recusaram, mantendo roças de resistência. A roça, hoje feita em "festa de trabalho", foi reduzida de 1 km<sup>2</sup> para 10 hectares de arroz e 3 de macaxeira. Eliminaram-se, com a mudança da administração do PIL, os prazos rígidos e os comandos em alta voz.

A nova roça ocupará por volta de 45 dias, em duas etapas. Durante o restante do ano programaram fazer seringa. Dividiram a parte norte do PIL entre os grupos de parentesco, cada um explorando um grupo de "estradas". O rendimento por homem é variável: os mais hábeis chegam a tirar 200 kilos mensais, os mais jovens 50 kgs. Em Ji-Paraná pagava-se em setembro, Cr\$ 700 o kilo, Cr\$ 130 a menos do que em Cacoal aos Suruí. Mas já não vendem aos onerosos intermediários de antigamente. Praticam também a derrubada do caucho, metade menos rentável que a seringa. Com o apoio de que necessitam, esperam chegar a um salário mínimo por cada seringueiro.

Na super-safra, apenas 20% dos homens adultos compareciam com regularidade, segundo Lövvold e Forseth. Nas "festas de trabalho", de curta duração, a participação hoje é maior. Assim é feito o plantio de 83 na roça da aldeia principal. Foram lá construídas, quatro casas

e um entreposto para o latex e os barcos as margens do Rio Machado, a cinco horas de caminhada do Lourdes. Com o resultado do latex, remuneraram um operador da máquina de farinha (caititú) e um "comboeiro", responsável pelos animais de carga. O dinheiro é recolhido através de uma porcentagem, em média de 20%, no ato de venda em Jí-Paraná. Em grupo, descontados desta forma, construíram uma Casa do Índio em Jí-Paraná. Apenas um dos grupos de parentesco, até hoje "crentes", como se auto-denominam, não participam das festas, nem destes trabalhos, e fazem roça a parte.

## XXI. ARTESANATO

O artesanato foi praticamente desestimulado, não dispõe de pontos de venda e já não contribui como fonte de renda. Raramente vendem ou trocam um colar, pulseira, rede, cesta, arco, flecha, borduna ou cerâmica. Fornecem as vezes a FUNAI para uma exposição em grandes capitais. A estadia dos Zoró reestimulou o uso de objetos tradicionais, mas, sem a organização de uma distribuição regular, tendem a desaparecer, apesar de sua rara beleza. Quase não usam adornos. O renascimento tribal, trouxe um lindo cocar, que reapareceu nas festas, com penas de mutum, arara e gavião.

A pesca é ainda com arco e flecha. Mas a caça é hoje feita com espingardas. Protestam contra as dificuldades de abastecer-se em munição. Uma lei dificulta a venda na região. O legislador esqueceu que, para estas comunidades, a caça é sobrevivência, e sabem, muitas vezes, poupar as espécies. Criam galinhas e um ou outro filhoté encontrado na mata. Gostariam de aproveitar um pasto deixado por invasores para criar gado.



XXII. EDUCAÇÃO

A educação formal, de tipo escolar, foi sempre ministrada aos Gavião, de forma irregular ou contrária à sua cultura. Em sua própria língua houve um esforço continuado, feito pelos missionários. Baseado em 40 páginas de trechos da bíblia e 30 de hinos sacros, terminou por reduzir a três os numerosos interessados dos primeiros tempos. Nem uma só página foi escrita com histórias próprias da cultura que deu origem à língua Gavião.

Em sua maioria estrangeiros, os missionários tampouco puderam ensinar-lhes português, língua que os cerca cada vez mais. A matemática, compreensível em qualquer idioma, não lhes foi oferecida. O preparo dos missionários como linguístas é também limitado. Restringe-se a seminários introdutórios de dois meses. Moore mostrou que não chegaram a localizar o Gavião como uma língua tonal, o que tornou os textos escritos de leitura difícil e valor duvidoso.

Durante 16 anos de contato regular, nem o SPI, nem a FUNAI, puderam deslocar ao PIL um professor. Houve um ensino esporádico, entregue a boa vontade dos funcionários. Em 1976 um chefe de posto ensaiou algumas aulas durante um mês. Moore, no ano seguinte, obteve melhor resultado, com cinco a seis alunos regulares durante 8 meses, servindo-se das brochuras do Mobral. Não há material apropriado na FUNAI para a educação das comunidades indígenas.

Um grupo de 10 índios fala um português precário, mas suficiente. Foi aprendido e aperfeiçoado com os seringueiros e funcionários. Dois ou três escrevem alguma coisa. As mulheres falam pouquíssimo, salvo uma Parintintin e sua filha, que esteve casada com um imigrante. Um deles aperfeiçoou com uma equipe governamental que pesquisou minérios na região. Outros participando como assalariados das "frentes de atração", organizadas pela FUNAI. Enfim, estão ainda distantes de uma



total autodefesa em seu contato com os Jaláãc, como chamam os "civilizados", e isto em 4 décadas de amizade, e duas de relações contínuas.

Este ano, pelo POLONOROESTE, a FUNAI pôde enviar um auxiliar de ensino. No ano passado, a cunhada de um funcionário deu aulas remuneradas por serviços prestados, por não ser diplomada. O novo professor candidatou-se como técnico agrícola, sua especialidade. É competente, mas não foi preparado para dar aulas em uma língua milenarmente diferente da sua, nem de português, para estrangeiros. Com um treinamento adequado, daria um bom professor. Dos 107 com até 15 anos completos, apenas 30 alunos vêm as aulas, irregularmente.

Os adultos, frustrados em experiências anteriores, ainda não se interessaram por voltar as aulas. As crianças poderiam frequentá-las durante duas horas, pela manhã, de segunda a sexta-feira. Apenas os menores, residentes em permanência na aldeia central vão regularmente as aulas. Os demais passam a maior parte do ano nas sub-aldeias. Seria necessário, para adultos e crianças, adaptar o ensino ao tempo próprio das atividades produtivas da comunidade. Cursos intensivos, para adultos e crianças, nos períodos de concentração na aldeia central.

#### XXIII. PROMOVER A COMUNIDADE

As experiências anteriores frustraram-se também por chocarem-se com a cultura da comunidade, quando não a pretendiam simplesmente aniquilar em "conversões". Os chefes manifestaram-se interessados por um ensino que parta de suas tradições, de seu cotidiano, que os ensine a defender-se nas vendas e idas a cidade. Enfim, um ensino que tenha como ponto de partida uma resposta a suas necessidades, e não servindo de biombo aos interessados em seduzí-los.

Mas a educação numa comunidade indígena, deveria ser entendida sobretudo como a não-formal, no sentido que lhe dá a Unesco, de ligado a vida e não apenas a instituição escola. A própria escola poderá assim ser promovida. Necessita de monitores escolhidos pelos próprios Gavião e um professor que se torne com o tempo bilingue. Um promotor da cultura local, um transmissor de novos conhecimentos que dignifique o seu interlocutor, aprenda com sua sabedoria e seu imenso conhecimento da vida na mata. Os funcionários chamam "gíria" a língua do povo Gavião. Referem-se a "selvagens", "bravos". Falam em "atração", "amansamento" e "civilizados", ignorando estarem em contato com uma outra Civilização. Nenhum ensino resultará sem uma mudança desta mentalidade e linguagem.

Para enfrentarem-se em condições de igualdade com a expansão das fronteiras agrícolas, a colonização, a progressão da economia monetária e industrial, com a cidade de Ji-Paraná, a que mais cresce em Rondônia, necessitam os Gavião, mais do que nunca, sentirem-se seguros de seu modo de ser.

#### XXIV. LOCALIZAÇÃO E DEMARCAÇÃO

O Posto Indígena do Lourdes está situado na fronteira norte entre os estados de Rondônia e Mato Grosso. A demarcação foi feita pela Plantel em 1976 e 1977 (Ver anexos). O limite oeste é o Rio Machado, norte o Igarapé Água Azul, até a sua cabeceira, continuando pela Serra da Providência. O limite leste é a própria fronteira entre os dois estados. Ao sul, o limite é o Igarapé Prainha.

As comunidades Gavião e Arara protestam contra a demarcação. Os Gavião tinham vivido mais ao norte, após a Serra da Providência, terras mais férteis, que perderam para a reserva florestal prevista para a antiga Gleba Tarumã. "Lá da va mamão, aqui só dá taquara", dizem. Os Urubu não foram levados em conta. Os Arara perderam terras ao sul.

A demarcação não considerou a possibilidade de ligar o PIL ao quase vizinho Parque do Aripuanã. Neste caso, poderiam hoje, Gavião e Arara, manter-se e mover-se em uma área maior, compartilhada com os vizinhos Zoró, Suruí e Cinta Larga.

Com estes inconvenientes, em 9 de agosto de 1983, o Presidente da República em exercício, Aureliano Chaves, pelo Decreto-Lei nº 88609, definiu os limites em acordo com a demarcação feita pela Plantel, em 1976. O perímetro totaliza ... 185.533,57 hectares.

Confirmando os descontentos das comunidades, o Decreto 73.563 de 24/01/1974, em anexo, área interditada pelo então Presidente Emilio Garrastazu Médici, era substancialmente maior, ligando o Lourdes ao Rio Branco, onde os Gavião viviam antes de 1940. A sede do PIL está a 65 km de J1-Paraná, situada a cerca de 400 kms de Porto Velho pela BR 364. Por via aérea está a 16 minutos de J1-Paraná, nos monomotores normalmente utilizados.

#### XXV. DEFESA DA ÁREA

A parte sul é seguramente a mais ameaçada e vulnerável. Há dezenas de invasores. Seis ocupantes regulares já foram expulsos. Outros três tiveram suas "colocações" queimadas. Técnicos do INCRA revelaram que muitos destes invasores sabem que estão em terras demarcadas. A simples advertência dos índios, repetidas, ou de funcionários da FUNAI ou do INCRA é as vezes suficiente para que abandonem as invasões. As invasões dão-se em maior quantidade na ponta inclinada sul do Igarapé Praia. Originam-se num projeto de colonização do INCRA em Mato Grosso denominado "Setor Diamantino".

A expansão de Ji-Paraná, da colonização, tornam difí cil e urgente a defesa da área, prevenindo conflitos, do contrário, inevitáveis. As comunidades estão ciosas da defesa. Re

clamam de verem seu espaço de mobilidade cada vez mais reduzido. Moore conta que, em 1975, um prefeito de Ji-Paraná simplesmente loteou as terras já interditas dos índios, oferecendo-as por Cr\$ 10 mil o lote. Construiu uma estrada que cortava a área pelo meio, servindo para passagem de gado criado nas fazendas a leste, como a Castanhal, Rio Branco e outras. Em 1982 Apoena Meirelles conseguiu um novo traçado para a estrada, passando agora fora dos limites, segundo um piloto. Os índios verificaram que a estrada velha não está sendo utilizada. Conseguiu a retirada do principal invasor da parte norte do PIL, o Seringal do Firmino, também chamado de "Dona Miúda". A ação da FUNAI evitou um confronto, mas não impediu a retenção pelos Gavião de alguns bens dos ocupantes.

A prática da administração anterior da FUNAI no PIL, de obrigar a comunidade a concentrar-se na aldeia principal, não contribui em nada para a defesa do território, impedindo a vigilância constante e violentando o nomadismo tradicional, reduzindo localmente os espaços de caça e facilitando a vida dos invasores. As invasões na parte norte estão reduzidas a eventuais caçadores e seringueiros.

A picada de demarcação foi engolida pela mata. Não há placas interditando a entrada nos pontos de maior facilidade de acesso, ou na estrada velha da Castanhal. Embora desativada, é uma brecha. Uma nova picada deveria prever o plantio de árvores que permitissem a fácil identificação do seu traçado.

Uma pesquisa feita pelo Centro de Pesquisas de Recursos Minerais (CPRM) pesquisou minerais na área, e chegou a abrir um aeroporto para o efeito. O guia refere-se a localização de reservas de manganês. A eventual exploração de minério porá em risco o modo de vida das comunidades do PIL.

## XXVI. ACESSO

O acesso ao PIL é possível apenas por picadas a pé, por via fluvial ou aérea. Não há rodovias, salvo a estrada velha da Fazenda Castanhal, abandonada e intransitável, em vias de ser engolida pela mata após o seu desativamento. É inutilizável para as comunidades, por não chegar às aldeias. O aeroporto Gavião tem 550 metros de pista, é seguro e facilmente localizável.

Por barco o acesso é apenas possível nas cheias, de novembro a junho. A circulação é difícil pelas cachoeiras. Na seca os igarapés são intransitáveis. Com cinco horas de marcha pode-se chegar do posto ao Rio Machado, e com 7 horas, aos Arara. Um barco carregado leva um dia a J1-Paraná, enfrentando os troncos caídos que se transformam em obstáculos. Os funcionários calculam 45 kms ao Rio Machado, vindo do posto pelo Igarapé Lourdes e mais 115 kms pelo Rio Machado até J1-Paraná. Em linha reta, o posto estaria a 65 kms da cidade. O PIL dispõe de 6 animais a serviço dos Gavião. Um deles é cego e os demais não dão conta do transporte, em particular na seca.

## XXVII. FUNCIONÁRIOS

A FUNAI mantém cinco funcionários no PIL, ocupando -se dos Gavião: o chefe do posto, um auxiliar de ensino, um de enfermagem, estes especialmente contratados. Dois índios são também assalariados, um como braçal, o outro como piloto fluvial. A administração dispõe de 4 construções: a casa-sede, funcionando como residência, armazém e escritório; enfermaria e farmácia; uma escola com 40 carteiras, vinte delas duplas. No mesmo local há um galpão onde se guarda latex e beneficia-se arroz.

Este ano, até setembro, a FUNAI gastou com o posto, além das despesas fixas com funcionários, alimentos e o trans

porte de enfermos, apenas Cr\$ 600 mil, destinados ao concerto do motor de um barco e viagens a Ji-Paraná com doentes. As comunidades são praticamente autônomas. Reclamam um apoio maior, mas preferem a autonomia a serem hostilizados culturalmente, ou forçados a serem "peões".

#### XXVIII. MÁQUINAS

Praticamente todas as máquinas têm uma manutenção precária tornando-as frequentemente inúteis, apesar de extremamente necessárias. Estavam quebrados em setembro: um motor de puxar água de um poço, geladeira para remédios, 1 das duas mo-tosserras, o gerador elétrico, o caititú, peça ligada ao motor de moer farinha e dois dos quatro motores de barco. Nenhum dos motores de barco é adaptável aos rios da região, que exigem motor de rabeta.

As duas baterias do rádio não contam com um gerador para recarregá-las. Durante o surto de verminose, com diarreias e vômitos em quase todas as crianças, situação agravada pelo enfermeiro ausente, as baterias estavam descarregadas e o posto passou mais de uma semana impossibilitado de qualquer contato externo.

#### XXIX. ADMINISTRAÇÃO

Hoje a administração não interfere na vida tribal da forma excessiva como fez no passado. Não é autoritária, e procura responder às solicitações de apoio da comunidade. Está limitada por não dispor de recursos, nem de orçamento. Sua relação com a FUNAI limita-se a casos de saúde e salários.

Dispõe de merenda escolar e mantimentos para o posto. Uma quantidade bimensal de charque, salsicha, sal, açúcar, macarrão, velas e fósforos. A gestão destes bens confere, em todos os postos da FUNAI, um grande poder aos funcionários. Não

há uma orientação para a sua distribuição, salvo no caso da refeição oferecida aos estudantes. São geralmente trocados contra serviços ou utilizados como estímulo ao trabalho comunitário. Mas as comunidades não dispõem de controle sobre a sua quantidade e não participam da discussão dos critérios. Não há uma prestação de contas detalhada, nem a FUNAI, nem as comunidades. Há consultas aos representantes, mas informais. Os mantimentos destinados a manutenção do posto vêm misturados, sem discriminação, aos destinados à comunidade.

### XXX. SUGESTÕES

Medidas que permitiriam a melhoria da situação dos Gavião (Digut), no Posto Indígena Lourdes (PIL)

#### ACESSO

1º) O principal problema dos habitantes do PIL é o acesso, impossível durante seis meses por via fluvial. Por via aérea é demasiado caro para a FUNAI, e impossível para a comunidade. A saída seria a abertura de uma estrada, antiga reivindicação da comunidade e da administração do PIL. Não se trata de uma estrada como a da Castanhal, condenada, com muita propriedade, por Lövsold, Forseth e Moore e recentemente fechada dentro da área. Essa estrada, facilitaria invasões e estimularia projetos econômicos avessos à vida tribal, como serraria e venda de madeira, roça do Posto de tamanho exagerado, etc. - modificações que devem ser evitadas a todo custo.

A estrada que se planeja agora, com outro traçado, justifica-se plenamente por razões de saúde e comercialização da produção. Não se pode contar com os recursos escassos de orçamento da FUNAI para voos caros em casos de doença ou transporte de produção.

-Exemplos bem sucedidos são as estradas construídas nas áreas Karitiana e Sete de Setembro (Suruí), utilizadas só pelos índios, escoando a produção e servindo para a defesa do território.

A comunidade passa seis meses sem contato externo, impossibilitada de escoar sua produção e obter mercadorias e ferramentas que já se transformaram em necessidades. Mais grave: terminam sub-assistidos quanto a saúde, o que poderia ser feito com maior eficiência e rapidez em Ji-Paraná. Quanto as invasões, a estrada passaria na região mais vulnerável, com porteira e tabuletas, aumentaria a vigilância.

A solução seria abrir a estrada. A comunidade dispõe-se a colaborar. Teria cerca de 60kms, duas pequenas pontes sobre igarapês e uma sobre o Prainha. Os Gavião e Arara têm já 40 anos de contato irregular, suficientes mecanismos de auto-defesa, alguns dominam o português e são capazes de acompanhar os demais,

No entanto, a abertura da estrada, deve ser feita simultaneamente as medidas necessárias a defesa da área. A comunidade deve debater antes as mudanças e os riscos que poderão advir. Estabelecer as normas de auto-controle, como a ida à cidade em grupo, acompanhada por funcionários da FUNAI e com objetivos claros.

#### VIATURAS

2º) Com a abertura da estrada, é necessário dotar o PIL de um motorista, ou ensinar a conduzir o atual motorista fluvial para que possa habilitar-se legalmente. Será indispensável um pequeno caminhão, para o transporte dos produtos e uma perua para os doentes.

#### HOSPITAL

3º) A estrada permitiria um convênio regular com o hospital de Ji-Paraná, para o atendimento. Atualmente as urgências são gratuitas e o Hospital é mantido pelo Estado de Rondônia. Permitiria um convênio também com um odontólogo, criando o atendimento preventivo.



4º) A Casa do Índio deverá estar equipada para recebê-los. Um funcionário deverá ocupar-se dela, conduzindo os doentes a consultas e internações.

#### ENFERMAGEM E MÉDICO

5º) Os enfermeiros não podem mudar todo o dia. O PIL necessita de fichas sobre as doenças medicadas e o atendimento diário. As visitas médicas devem ser programadas para que todos possam recorrer a seus serviços.

6º) Em qualquer hipótese os Gavião necessitam de um atendimento odontológico que não se limite a extrações. Pode-se equipar a Casa do Índio de Porto Velho, estabelecer um convênio em Jí-Paraná, ou adquirir aparelho transportável.

#### DEFESA DA ÁREA

7º) A picada desapareceu. É necessário reavivá-la, diminuir a distância entre os marcos e plantar árvores no traço dos limites. Tabuletas, proibindo a entrada sem consulta prévia a comunidade e a FUNAI, devem ser colocadas nos locais de mais frequente acesso e invasão. Um deles é a entrada da estrada velha da Fazenda Castanhal.

#### INVASORES

8º) Cada dia que passa é mais difícil tirá-los. É necessário uma ação conjunta: FUNAI, INCRA, PF e a comunidade. Na parte Sul uma equipe especial da FUNAI deve percorrer os locais conhecidos por invasões repetidas, colocando tabuletas e advertindo ocupantes. É necessário confirmar se realmente o traçado novo ligando a Fazenda Castanhal a Jí-Paraná está fora da reserva.

## URUBU

9º) A FUNAI poderia destacar um de seus funcionários para fazer um levantamento dos sobreviventes Urubu, sua situação atual, as formas de apoiá-los ou integrá-los no PIL, ou em suas terras de origem. O mesmo ocorre com um agrupamento Gavião (DIGÜT), que se encontra em uma das áreas indígenas de Rondônia.

## ÁRVORES

10º) Mesmo antes da abertura da estrada é necessário vigiar a derrubada de árvores por madeireiros invasores e preparar a comunidade para a proibição de vender madeira.

11º) A comunidade pede apoio na extração de seringa: 30 mil tigelas, 50 facões, machados e facas especiais. Uma balança de 150 Kg e uma outra de 30 Kg.

## MUNIÇÃO

12º) Os Gavião necessitam de uma licença especial para abastecerem-se em armas e munição para a caça, necessário a seu modo de vida.

## MÁQUINAS

13º) As máquinas existentes necessitam de manutenção. Estão quebrados: dois geradores elétricos, uma motosserra, dois motores de barco, uma geladeira, um motor de água e um ralador de farinha (caititú). As compras mais urgentes são: um carregador de baterias - rádio, um motor rabeta, uma motosserra e um caititú.

## ANIMAIS

14º) Para transporte, os Gavião necessitam uma dezena de equinos, alguns destinados a reprodução. Pretendem também iniciar a criação de gado em pastos deixados por invasores e necessitam apoio para as primeiras cabeças.

## NASCIMENTOS

15º) A comunidade necessita de um registro, na sede do PIL, dos nascimentos, filiação e dos nomes dos habitantes na língua corrente, o Gavião-(Digüt). O mesmo ocorre com os óbitos.

## ÁGUA

16º) O igarapê vazio no final da seca é um centro de contágio. É possível reanalisar a água do velho poço e ensinar a não beber da água parada nos períodos mais secos. A médio prazo é necessário um poço artesiano. Não há rios no interior da áreas, apenas igarapês.

## AGRICULTURA

17º) O apoio ao plantio deve respeitar a cultura tradicional e complementá-la. O engenheiro agrônomo, ou um técnico agrícola especialmente contratado, deve acompanhá-los, diversificando roças e plantios, respeitando o seu ritmo de produção. Apenas o excedente, reservas armazenadas, pode ser destinado a venda.

## ARTESANATO

18º) Para que sobreviva, e seja estimulado, é necessário abrir um ponto de venda em Ji-Paraná, usar a Casa do Artesão de Porto Velho e as lojas da FUNAI em várias grandes cida-

des. Os índios exigem bom preço, tratam-se de objetos trabalhos, como um colar de tucumã. durante várias horas raspado na pedra.

#### ESCOLA

19º) Deve ter horários adaptados ao ritmo da comunidade, intensificar na época do plantio, quando todos estão na aldeia central. Os auxiliares de ensino necessitam de melhores instrumentos pedagógicos, apropriados, e de um curso de formação, pelo menos na forma de seminários. Devem ser estimulados, como todos os funcionários, a serem bilíngues e promoverem a cultura da comunidade em que atuam.

#### MINÉRIOS

20º) As pesquisas feitas pela equipe do Centro de Pesquisas de Recursos Minerais devem ser comunicadas a comunidade, assim como os planos existentes para explorá-los, caso existam.

#### MANTIMENTOS

21º) Os mantimentos destinados ao posto, e a comunidade devem ser discriminados separadamente. A comunidade poderia participar da decisão sobre a distribuição de sua cota parte. A parcela da merenda escolar poderia ser também discriminada e distribuída como todos os bens, com prestação de contas a FUNAI e a comunidade. Os bens não devem ser escondidos.

#### GLEBA TARUMÃ

22º) Caso não possa ser devolvida aos Gavião, no todo ou em parte, poder-se-ia estudar um convênio no sentido de os

Índios poderem nela caçar e extrair seringa, com a obrigação de vigiá-la e respeitar sua ecologia. Esta área está sob a administração do IBDF.

